

Massoretas

Edson de Faria Francisco.
São Bernardo do Campo, abril de 2008.

1. Introdução

Entre os séculos VII e X, surgiram determinados eruditos, sucessores dos antigos escribas judeus, que se dedicaram a copiar e transmitir o texto da Bíblia Hebraica, sendo conhecidos como “massoretas” (hebr. בעלי המסורה, *ba‘alê ham-māsôrâ*). Esse grupo desenvolveu um sistema estritamente rígido de controle do texto hebraico e se empenhou em preservar toda letra de toda palavra da Bíblia Hebraica e com isso, almejava prevenir os futuros escribas de cometerem erros nos manuscritos da Bíblia Hebraica, visando conservar integralmente e transmitir fielmente o texto bíblico.

Os estudiosos não estão de acordo quanto à data do início da atividade massorética. Alguns datam seu início entre os séculos V e VI, outros entre os séculos VI e VII, outros, entre os séculos VI e VIII e outros ainda, entre os séculos VII e IX. Alguns opinam que o trabalho dos massoretas não surgiu antes da redação final do Talmude Babilônico, concluído por volta do século VI. Contudo, todos estão de acordo em relação ao auge da atividade dos massoretas: a primeira metade do século X, com os trabalhos das famílias Ben Asher e Ben Naftali, ambas de Tiberíades, na Palestina.

Surgiram vários grupos de massoretas e de sistemas massoréticos entre os séculos VII e X. Os grupos eram divididos em dois ramos principais: massoretas orientais, localizados na Babilônia e massoretas ocidentais, localizados na Palestina e em Tiberíades. Foram elaborados três sistemas de vocalização, de acentuação e de observações textuais: babilônico, palestino e tiberiense.

2. Massoretas Orientais

Os massoretas orientais (aram. מְדִנְהָא, *madnəḥā’ê*, lit. “orientais”) estavam localizados na Babilônia, nas regiões de Nehardea, Sura e Pumbedita. Tal ramo massorético de origem babilônica esteve ativo entre o século VII e IX, aproximadamente. A denominação “sistema massorético babilônico” refere-se ao local de surgimento dessa tradição massorética. Além das fronteiras da Babilônia, o sistema foi utilizado também em manuscritos hebraicos produzidos na Pérsia, na Arábia e no Iêmen.

Atualmente, são conhecidos cerca de 120 manuscritos hebraicos de tradição babilônica pertencentes hoje a bibliotecas universitárias em Cambrigde, Londres, Oxford, Paris, Berlim, Frankfurt, Nova York e São Petersburgo (a coleção Antonin e as duas coleções Firkowitch). Muitos manuscritos massoréticos babilônicos foram descobertos na Guenizá da sinagoga Ben Ezra, do Cairo, no Egito a partir dos anos 1890 e uma parte datava do século VI ao IX. Antes dessa época, a maioria dos estudiosos praticamente desconhecia a real natureza e as características do sistema de vocalização, de acentuação e de anotações massoréticas desenvolvidas pelos massoretas da Babilônia.

3. Massoretas Ocidentais

Os massoretas ocidentais (aram. מְעַרְבָא, *ma‘ārḇa’ê*, lit. “ocidentais”) estavam localizados na Palestina e em Tiberíades. O ramo palestino esteve ativo entre o século VIII e IX, na

Palestina, enquanto o tiberiense esteve ativo entre o século IX e X, em Tiberíades, também na Palestina. A tradição palestina é representada por pouquíssimos manuscritos, mas por outro lado, a quantidade de manuscritos massoréticos que refletem a tradição tiberiense é abundante, e devido a isso, é muito bem atestada.

a. Massoretas da Palestina

A atividade massorética palestina (sistema massorético sul-palestino) esteve ativa entre os séculos VIII e IX, aproximadamente, na Palestina. Esta tradição massorética somente foi descoberta devido aos fragmentos da Guenizá da sinagoga Ben Ezra, do Cairo, a partir dos anos 1890. Pouquíssimos (seis textos fragmentários no total) são os manuscritos existentes desta tradição e os mais antigos e conhecidos datam, aproximadamente, do século VIII ao IX, possuindo textos dos seguintes livros bíblicos: Salmos, Jeremias, Ezequiel e Daniel. Assim como aconteceu em relação à tradição babilônica, antes dos achados da Guenizá do Cairo, os estudiosos praticamente desconheciam as características e a natureza do sistema de vocalização, de acentuação e de anotações massoréticas desenvolvidas pelos massoretas da Palestina.

b. Massoretas de Tiberíades

O grupo massorético de Tiberíades, na Palestina (sistema massorético norte-palestino), esteve ativo entre os séculos IX e X, e, segundo alguns estudiosos, essa tradição pode ter-se iniciado entre os anos 600 e 800, alcançando seu ápice definitivo por volta do ano 900. O grande objetivo dos massoretas de Tiberíades era registrar, meticulosamente, a pronúncia do hebraico bíblico de maneira mais fiel possível no que se refere aos fonemas vocálicos e acentos de cantilação, além de criar um sistema lingüístico consistente e detalhista da pronúncia e da recitação do texto da Bíblia Hebraica. Segundo alguns eruditos, os massoretas de Tiberíades tiveram como influência o árabe, o siríaco e o hebraico antigo. A meticolosa atenção dada à leitura do Alcorão pelo islamismo também influenciou os massoretas de Tiberíades. A tradição tiberiense, com o passar do tempo, tornou-se padrão para o texto da Bíblia Hebraica e todas as edições impressas refletem exatamente esse sistema. É considerado o método mais completo, uniforme, engenhoso, coerente, perfeito, rico em detalhes de sinais vocálicos e acentos, tendo a aprovação de vários gramáticos judeus. Com o passar do tempo, a tradição massorética tiberiense substituiu os dois sistemas anteriores, o babilônico e o palestino, que caíram em desuso no decurso dos séculos IX e X, sendo somente redescobertos no final do século XIX e início do XX, devido aos achados da Guenizá do Cairo.

4. Escolas Massoréticas Tiberienses: Ben Asher e Ben Naftali

Das duas principais famílias massoréticas de Tiberíades, a de Ben Asher foi a que conseguiu suplantiar todos os demais grupos e famílias de massoretas, e seu sistema é empregado em inúmeros manuscritos medievais, como também em todas as atuais edições impressas da Bíblia Hebraica. A família Ben Asher trabalhou na preservação, transmissão e evolução da Bíblia Hebraica durante cinco ou seis gerações. Sua dinastia começou com o rabino Asher, o Ancião (segunda metade do século VIII), Neemias ben Asher (entre o século VIII e IX) e Asher ben Neemias (primeira metade do século IX). O próximo membro importante foi Moisés ben Asher, que viveu na segunda metade do século IX e que produziu um códice modelo conhecido como Códice do Cairo dos Profetas (C) (atualmente datado entre 990 e 1170), pois seu colofão o menciona. O Códice Oriental 4445 (B) (séc. IX), até o século XX, era considerado uma de suas obras e seu nome aparece na massorá desse manuscrito. Atualmente, acredita-se que o massoreta

responsável por esse documento seja Nissi ben Daniel ha-Kohen, pois seu nome aparece algumas vezes na masora magna. O quinto e último membro da família Ben Asher foi o filho de Moisés ben Asher, Aarão ben Moisés ben Asher (c. 900-940), também conhecido por seu nome árabe Abu Sa'íd. Aarão ben Asher é considerado o mais importante e o mais famoso membro dessa família de massoretas devido ao seu sistema de vocalização, de acentuação e de anotações massoréticas e com ele, a atividade massorética tiberiense alcançou o seu auge definitivo, tornando-se o único método adotado até hoje.

Os mais importantes manuscritos da Bíblia Hebraica hoje existentes, como o Códice de Alepo (A) e o Códice de Leningrado B19a (L) estão ligados, principalmente, à tradição massorética desenvolvida pela família Ben Asher.

Poucos nomes de membros da família Ben Naftali foram conservados pela tradição massorética e o mais citado e o mais conhecido é Moisés ben Davi ben Naftali (c. 890-940), conhecido também por seu nome árabe Abu Imrān, sendo contemporâneo e conterrâneo de Aarão ben Asher. Pouco se sabe a respeito de sua vida e obra e raros são os manuscritos massoréticos pertencentes à sua escola. Há somente três dados conhecidos sobre sua pessoa e trabalho: seu nome, o lugar onde viveu e uma listagem de 867 situações de diferenças de vocalização e acentuação entre seu sistema e o de Aarão ben Asher. Um dos poucos códices que representa a tradição de Ben Naftali é o Códice Reuchliniano (R), escrito por volta de 1105-1106, na Itália. Todavia, este manuscrito não é considerado um autêntico ou um puro representante de seu sistema. Segundo os estudiosos, não há nenhum códice massorético existente atualmente que represente a tradição de Ben Naftali de maneira absolutamente fiel e sistemática.

Presentemente, aceita-se a hipótese de que ambas as famílias representem, de fato, a mesma tradição massorética, mas com pequenas divergências entre si. Nessa linha de pensamento, os peritos argumentam que a escola de Ben Naftali contribuiu consideravelmente para um “consenso tiberiense” sobre a vocalização e acentuação da Bíblia Hebraica que é impressa, atualmente, em inúmeras edições.

Uma fonte para saber sobre as divergências entre as duas famílias de massoretas de Tiberíades é o tratado conhecido pelo título *Sefer ha-Hillufim* (hebr. סֵפֶר הַהִלּוּפִים, *sēper hā-hillūpīm*, *Livro das Diferenças*), escrito por Misael ben Uziel, em torno de 1050. A obra é considerada como a mais antiga fonte sobre as diferenças de vocalização e de acentuação da Bíblia Hebraica entre Ben Asher e Ben Naftali, servindo, também, como base para a composição de outras listas massoréticas. Nesse tratado, são listadas cerca de 867 situações de divergências textuais entre Ben Asher e Ben Naftali (casos envolvendo determinados sinais de vocalização, de acentuação e pouquíssimos casos de diferenças consonantais). Além disso, o texto fornece também dados em que ambos os massoretas concordam entre si em oposição aos outros massoretas. Por meio dessa obra, os eruditos chegaram à conclusão de que não há profundas diferenças entre as duas principais escolas massoréticas tiberienses e que, de fato, ambas representam a mesma tradição, mas com poucas e insignificantes variações.

Seguem abaixo alguns exemplos de diferenças entre Ben Asher e Ben Naftali (observar nas locuções abaixo o uso ou não de *maqef*, de *dagush*, de *rafe*, de *meteg* e a variação de acentos de cantilação e de sinais vocálicos).

texto bíblico	Ben Asher	Ben Naftali
Números 18.9	זֶה יְהוָה לֵךְ מִקֹּדֶשׁ	זֶה יְהוָה לֵךְ מִקֹּדֶשׁ
1Reis 21.7	וַיֵּשֶׁב לִבְךָ אָנִי	וַיֵּשֶׁב לִבְךָ אָנִי
Isaías 37.19	כִּי אִם־מַעֲשֵׂה	כִּי־אִם מַעֲשֵׂה
Jeremias 11.7	וְעַד הַיּוֹם תִּזְהַ	עַד־הַיּוֹם תִּזְהַ

Ezequiel 27.13	תִּבְלֵן וְמִשָּׁד פֶּתַח	תִּבְלֵן וְמִשָּׁד קִמִּץ
Neemias 11.25	וּבִיקְבָצָאֵל דָּגַשׁ	וּבִיקְבָצָאֵל רִפִּי

5. Atividade Massorética

Para se produzir um códice manuscrito massorético, era comum a utilização de três pessoas para cada função: o primeiro escrevia o texto consonantal, o segundo colocava os sinais de vocalização e os sinais de acentuação e o terceiro colocava as anotações da massorá. Tal era a prática por volta da época dos massoretas, mas, posteriormente, uma única pessoa podia ser responsável por tudo. Este escriba, encarregado pelas três funções, recebia, normalmente, o nome de “massoreta”. No início, quando cada escriba era responsável por cada uma dessas tarefas, era conhecido como:

סוֹפֵר (hebr. *sôpēr*, escriba): escrevia o texto consonantal.

נִקְדָּן (hebr. *naqdān*, pontuador, vocalizador): colocava tanto os sinais de vocalização quanto os de acentuação.

בַּעַל הַמַּסֹּרָה (hebr. *ba‘al ham-māsôrâ*, massoreta): colocava as anotações da massorá.

Referências Bibliográficas

- BROTZMAN, Ellis R. (1994) *Old Testament Textual Criticism: A Practical Introduction*. Grand Rapids: Baker, p. 49-53.
- DEIST, Ferdinand E. (1981) *Towards the Text of the Old Testament*. 2. ed. Pretoria: N. G. Kerckboekhandel Transvaal, p. 52-53 e 65-69.
- FRANCISCO, Edson de F. (2005) *Manual da Bíblia Hebraica: Introdução ao Texto Massorético – Guia Introductório para a Bíblia Hebraica Stuttgartensia*. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, p. 232-257.
- GOTTWALD, Norman K. (1988) *Introdução Socioliterária à Bíblia Hebraica*. 2. ed. Coleção Bíblia e Sociologia. São Paulo: Paulus, p. 124-127.
- KELLEY, Page H.; MYNATT, Daniel S.; CRAWFORD, Timothy G. (1998) *The Masorah of Biblia Hebraica Stuttgartensia: Introduction and Annotated Glossary*. Grand Rapids-Cambridge: Eerdmans, p. 14-20.
- KRISTIANPOLLER, Alexander. (1942) “Masorah and Masorites”. In: *The Universal Jewish Encyclopedia*. vol. 7. New York: Universal Jewish Encyclopedia, p. 399-400.
- LEVIAS, Caspar. (1916) “Masorah”. In: *The Jewish Encyclopedia*. vol. 8. New York-London: Funk and Wagnalls, p. 370.
- REVELL, Ernest J. (1992) “Masorettes”. In: *the Anchor Bible Dictionary*. vol. 4. New York: Doubleday, p. 593-594.
- ROBERTS, Bleddyn J. (1951) *The Old Testament Text and Versions: the Hebrew Text in Transmission and the History of the Ancient Versions*. Cardiff: University of Wales Press, p. 47-67.
- SELLIN, Ernst; FOHRER, Georg. (1978) *Introdução ao Antigo Testamento*. vol 2. 3. ed. Nova Coleção Bíblica 6. São Paulo: Paulinas, p. 758-760.
- TOV, Emanuel. (2001) *Textual Criticism of the Hebrew Bible*. 2. ed. Minneapolis–Assen: Fortress Press-Royal Van Gorcum, p. 39-49.
- TREBOLLE BARRERA, Julio. (1996) *A Bíblia Judaica e a Bíblia Cristã: Introdução à História da Bíblia*. Petrópolis: Vozes, p. 315-318.
- WÜRTHWEIN, Ernst. (1995) *The Text of the Old Testament: An Introduction to the Biblia Hebraica*. 2. ed. Grand Rapids: Eerdmans, p. 21-28.
- YEIVIN, Israel. (1980) *מבוא למסורה השברנית* (título em inglês: *Introduction to the Tiberian Masorah*). *Masoretic Studies* 5. Missoula: Scholars Press, p. 137-144.